

O que é: Reforma Urbana

Participantes:
Laysa Alves
Ermínia Maricato

Hector Sousa: Bem vindo e Bem vinda ao podcast Meio-Fio, seu podcast sobre desenvolvimento urbano sustentável. Eu sou Hector Sousa e no episódio de hoje traremos a série 'O que é', na qual especialistas irão falar sobre temas fundamentais para a nossa vida nas cidades. Este episódio tratará do tema Reforma Urbana, a entrevista foi feita por Laysa Alves, bolsista do projeto traDUS, à Ermínia Maricato, arquiteta, urbanista, professora, pesquisadora e ativista no campo do urbanismo.

Importante informar que essa entrevista foi gravada em 2021 em uma ação de bolsistas do projeto, estudantes de graduação da UFERSA, tal qual a Laysa, que comanda o papo de hoje.

Então boa escuta para vocês, espero que gostem, e já deixo o convite para nos seguir nas redes sociais, @projetotradus, com s de sustentável.

[Trilha]

Laysa Alves: Bom dia pessoal! É, meu nome é Laysa. Hoje a gente vai abordar o tema reforma urbana. E aí eu to com uma pessoa muito especial, que é a professora Ermínia Maricato, que é graduada, mestre e doutora em Arquitetura e Urbanismo, professora titular aposentada da USP, e também professora visitante da Unicamp. Possui estudos e lutas sobre reforma urbana no decorrer de toda sua trajetória. Foi idealizadora da proposta de criação do Ministério das Cidades, hoje MDR, e com a sua criação, atuou como ministra adjunta. Membro fundadora do BrCidade, e mais uma infinidade de qualificações, prêmios, pesquisas, enfim. E aí eu vou começar com uma provocação que é bem pontual: o que é Reforma Urbana e quais são seus objetivos?

Erminia Maricato: Eu vou fazer um apanhado histórico aqui, se você me permitir. Reforma Urbana é uma proposta que fez parte de um momento muito especial da história do Brasil. Décadas de 50 e 60, a população, a sociedade brasileira se mobilizou em torno de propostas das chamadas Reformas de Base. O Brasil, um país muito desigual, é, que tem uma tradição escravista fortíssima, como nós sabemos, até hoje, né, 400. Quase 400 anos de escravidão em 500 anos de história, não é. E a escravidão tá muito presente, né - nós sabemos isso, não vou me deter nos números. Nas décadas de 50, início dos anos

60, então houve em toda América Latina, inclusive no Brasil, mobilizações por reformas democratizantes. Reforma na saúde, que aliás deu origem ao SUS, Reforma da Educação que traz o grande nome do nosso patrono aí, Paulo Freire, né. A Reforma Urbana, ela surge em 1963, ela era um bebê no meio das reformas de base. A Reforma Agrária, por exemplo, era muito forte, por quê? Porque o Brasil, ele passou a ser predominantemente urbano em meados do século passado. Foi a partir da década de 60 que nós nos tornamos predominantemente urbanos, a sociedade brasileira. Então, a Reforma Urbana, ela surge nesse contexto, em 1963, num congresso de arquitetos em Petrópolis, num hotel. Que os arquitetos convidaram inclusive advogados, não é? Se reuniram para discutir como dar uma solução para a desigualdade urbana, especialmente a falta de moradia. E nesse período o Brasil, ele tava se industrializando, ele estava num momento muito luminoso do ponto de vista da sociedade, porque ele tava deixando aquela raiz agrária, oligárquica, escravista, num é, apesar de que a libertação formalmente veio em 88 do século XIX, né. Mas, era um momento que parecia que a sociedade brasileira ia dar um salto civilizatório. E deu, né. O Celso Furtado fala - foi o momento de integração do mercado interno, o Brasil crescia a taxas 7% ao ano, com a industrialização, uma sociedade que se urbanizava fortemente. Foi um movimento muito forte do campo para cidade - não houve Reforma Agrária, infelizmente, não é. Então, surge essa questão, a questão urbana aparece na cena, e aí o que significava e significa até hoje a Reforma Urbana? O Acesso à Terra Urbanizada. Eu gostei porque nossa, no início da nossa conversa tocou nisso, eu fiquei bem impressionada.

A Reforma Agrária luta pelo acesso à terra, pra produção e a Reforma Urbana luta ,principalmente, pela reprodução da força de trabalho. Não é pela questão, é muito diferente da luta pelo acesso à terra no campo. É o acesso à terra urbanizada - o que que significa isso? O direito à cidade, que é o coração da Reforma Urbana, significa o direito à moradia. Mas o que significa o direito à moradia? Significa o direito à cidade. A moradia digna - o que que é isso? Moradia sem risco, moradia salubre, não é, moradia sem risco de desmoronamento, enchente, juridicamente legal. Então todo esse contexto de uma habitação digna. Mas também tem a ver com a localização da moradia na cidade. Você tem acesso ao transporte? Isso te dá o direito de alcançar os equipamentos, o trabalho na cidade. Você tem acesso ao saneamento? Água, esgoto, coleta de lixo. Você tem acesso aos equipamentos sociais? De educação, de saúde. Então, o direito à cidade implica no direito à moradia bem localizada, não é. Bem localizada significa não jogar a população trabalhadora pros confins das cidades, para as periferias desurbanizadas. Onde você não tem nada dessa condição de vida urbana sustentável, satisfatória. Então o direito à cidade, a Reforma Urbana, traz um conflito muito forte dentro dele. Por que? Porque a cidade é um grande negócio. Você que vive em Natal, aliás qualquer pessoa neste país sabe, olhando esses edifícios verticais... Passo Fundo agora tem edifício 50 andares, João

Pessoa... Nós estamos vendo aí esse exagero dessa verticalização, o que a gente pode dizer, esse exagero da especulação imobiliária. Esse aumento no preço dos aluguéis, essa captura das áreas urbanizadas só para o mercado imobiliário. Essa ausência de mercado ou de política pública para a maior parte da população.

Erminia Maricato: A cidade, ela é um grande negócio. Ela gera muita riqueza para alguns, em torno do mercado imobiliário. Então, a Reforma Urbana implica no acesso à terra urbanizada, bem localizada, e implica evidentemente no conflito com interesses muito muito poderosos, num país aonde a propriedade da terra, ela tá ligada a história de uma elite branca oligárquica. O Brasil se industrializou, a partir dos anos 1980, com a globalização neoliberal, o Brasil passa a se desindustrializar, coisa que aconteceu na Europa, EUA, mas aqui é muito mais grave, evidentemente, nós somos um dos países mais desiguais do mundo. E o agronegócio voltou a ser hegemônico na nossa sociedade, na nossa economia. E com isso nós estamos vivendo uma crise urbanística, que vai além da pandemia. A pandemia, evidentemente trouxe uma intensificação desses efeitos tão fortes da nossa desigualdade. Agora, se você quiser, eu posso falar um pouco da história do movimento de Reforma Urbana, mas primeiro eu quero saber se você tem alguma dúvida.

Laysa Alves: Pode falar, não, to sendo muito contemplada pelo o que a senhora está falando.

Erminia Maricato: Então, na verdade eu costumo dizer que uma parte das nossas cidades não é contemplada nem pelo mercado, nem pelo estado. Ou seja, é uma cidade produzida de forma doméstica pela própria população e em geral fora da lei, porque a legislação ela tem um pé na Europa, não é, nos Estados Unidos, ela tem um pé numa realidade que não é a nossa. E nós precisamos fazer uma reforma do ensino de urbanismo no Brasil em função disso. Porque a gente fica bebendo muito no modernismo europeu, por exemplo. A gente vai nas nossas faculdade e vê assim anos de arquitetura modernista sendo ensinado, e muito pouco sobre o que é a realidade da maior parte da população urbana brasileira, que faz autoconstrução, que eu registrei aí num filme junto com o Renato Tapajós, que é um filme de 1975, que é “Fim de Semana” chama o filme, que é um filme que é usado até hoje nas aulas das faculdade, é, por incrível que pareça, porque é uma realidade desconhecida, não é. A realidade da maior parte da força de trabalho urbana no Brasil, que constrói a própria moradia, sem arquiteto, sem engenheiro, sem aprovação da, licenciamento, como agora, nós tamo vendo aí, nós tamo passando por um momento grave com a questão do licenciamento, mas enfim, vamos falar um pouco da história do movimento de Reforma Urbana.

Bom, então ele nasce lá no congresso do Hotel Quitandinha, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, de arquitetos, advogados, engenheiros. Mas em 64 ele, todo esse movimento de reforma de base sofre uma ruptura, com o golpe civil-militar e o início da ditadura. E há uma retomada da proposta de reforma, promovida muito pela Comissão Pastoral da Terra, a Igreja católica naquela época ela tava muito vinculada à Teologia da Libertação, e nós tínhamos comunidades eclesiais de base nos bairros das periferias, não é. E a igreja católica nos convidou pro encontro e acabou sendo criado a partir desse encontro a ANSUR - Associação Nacional de Articulação do Solo Urbano, com lideranças do Brasil todo. Então era a comissão pastoral da terra cuidava da reforma agrária, e ela falou que não tava dando conta dos pedidos que vinham das cidades, e queria iniciar um movimento nas cidades. Esse movimento, Laysa, foi muito importante, e ele acabou criando o Fórum Nacional da Reforma Urbana, e ele foi tão forte do ponto de vista nacional, que nós elegemos prefeitos, deputados e acabamos elaborando um projeto de iniciativa popular constitucional, recolhemos 130 mil assinaturas, e chegamos na assembleia nacional constituinte com esse projeto. Eu fui escolhida para defender o projeto em Brasília, na assembleia nacional constituinte. E nós acabamos colocando pela primeira vez na constituição um capítulo sobre a questão urbana. Isso já estávamos em 88, a maior parte da população brasileira claramente urbana, agora, nesse período, não é. E a partir daí nós elaboramos, nós conquistamos um arcabouço legal impressionante, muito forte, muito avançado, parte dele espantou o mundo. Só que a gente não aplica no Brasil, não é. O Estatuto da Cidade, muito avançado. Pelo Estatuto da Cidade não daria para fazer nenhuma legislação urbanística sem participação social, e isso não acontece, não é. Planos diretores participativos, a gente se lambuzou com tanta democracia e tanta legislação avançada. A lei da mobilidade urbana federal, eu falei perfeita para Dinamarca, eu costumo dizer, perfeita para os países muito avançados, porque o pedestre e a bicicleta são prioridades por lei, o que é muito diferente da realidade brasileira, onde o automóvel leva a maior parte dos orçamentos municipais, as obras ligadas a circulação de rodoviária, rodoviarista, não é. Então nós temos aí o Estatuto da Cidade, conquistamos depois um milhão de assinaturas com uma lei de iniciativa popular que era o Fundo Nacional da Habitação de Interesse Social, o Marco da Reforma do Saneamento, né, os planos diretores, enfim a gente lambuzou com tanto avanço legal, mas a realidade urbana da nossa população não mudou muito, esse tempo todo. E eu que depois de ter essa experiência no Ministério das Cidades, né, ter participado da criação do ministério, eu realmente, hoje eu acredito muito mais na sociedade civil, ou pelo menos as instituições são fundamentais para democracia, isso é óbvio, mas sem sociedade civil informada e organizada não existe democracia, não vai existir reforma urbana, é então isso que você me falou que vocês estão fazendo, levar para população brasileira, informação, formação, sobre sua própria condição urbana. Quando a gente percebe o que as mulheres sofrem

nas cidades, especialmente as mulheres chefes de família, que moram nas periferias e que tem filhos para criar, olha, é muito sofrimento e isso precisa, essa consciência sobre o efeito da desigualdade urbana no cotidiano da maior parte da nossa população ele precisa ser conhecido. Quero dar os parabéns para vocês.

Laysa Alves: Bom, me contemplei muito com todas as falas que a senhora colocou e eu queria pedir para a senhora explicar, em poucas palavras, o que é a Reforma Urbana para essas pessoas que sofrem com essas desigualdades sociais, que vivem em zonas periféricas, que não tem muito acesso a informação, a tecnologia e enfim.

Ermínia Maricato: Reforma urbana é um direito à cidade, que que significa o direito à cidade? Significa moradia digna, ou seja, uma moradia acessível, de boa qualidade, salubre, porque quando você não tem ventilação, insolação, as doenças respiratórias tem tudo a ver com as condições de moradia. Então moradia digna, transporte acessível, tarifa, horários, acesso, condições, pra que você chegue nos equipamentos públicos de forma fácil. Saneamento, água, esgoto, coleta de lixo, equipamentos sociais de saúde, educação acessíveis e acesso também ao mercado pro seu abastecimento. Energia elétrica nas ruas, iluminação pública, tudo isso diz respeito à reforma urbana. A reforma urbana é fundamental pro cotidiano da maior parte dos trabalhadores e do povo brasileiro que moram nas cidades.

Laysa Alves: Então resumindo, a Reforma Urbana é a mãe de tudo. Então se a Reforma Urbana existir, o nosso Desenvolvimento Urbano Sustentável ele vai de vento em polpa. Seria isso?

Ermínia Maricato: Olha, é, depende também do que você chama de Reforma Urbana, eu sou meio crítica, já escrevi sobre isso, ao caminho que a nossa Reforma Urbana, que o nosso movimento tomou. Nós tínhamos um movimento nacional forte, não é, com deputados, como Zezéu Ribeiro que defendeu uma lei que nós não conseguimos por em pratica até hoje que é da assistência técnica de habitação de interesse social, o povo precisa saber disso, que ele teria direito ao serviço por lei federal de arquitetos, engenheiros, advogados, para resolver os problemas urbanos e os problemas de moradia, por esta lei, que nós não conseguimos implantar ainda, mas que é muito importante né. Mas o que que aconteceu com o Movimento de Reforma Urbana? Nós ganhamos muitas eleições em prefeituras no primeiro momento e tivemos um avanço muito grande nas prefeituras, eu fui secretaria de habitação e desenvolvimento urbano do governo da Luísa Erundina e lá nós tínhamos o Paulo Freire na educação, a Marilena Chauí na cultura, nós

tínhamos o Lúcio Gregori nos transportes, nem dá pra eu falar o nome de todo mundo, não é, que foi tão importante. Então esses governos que criaram o orçamento participativo como Olívio Dutra lá no sul, aliás isso é fundamental para a Reforma Urbana, gente, é controlar o dinheiro público, o dinheiro público é totalmente controlado por interesses de quem ganha com a renda da terra e que paga campanhas eleitorais, então controla as câmaras municipais, mas o nosso movimento que teve esse momento que eu chamo de ciclo virtuoso no poder local e nos municípios, aí mesmo em Natal, nós fomos nos afastando do terreno da cidade, do chão das cidades, da população, da sociedade civil, mesmo os partidos progressistas e ficaram restritos a institucionalidade, então eu vi muitas lideranças se afastarem das bases e ficarem ali em eventos nacionais, e viaja de avião pra baixo e pra cima, e acaba sendo eleito vereador, depois deputado e aí a institucionalidade comeu, engoliu os movimentos sociais, as lideranças sociais, mas eu não quero deixar uma visão desesperançosa porque nós temos novos atores, como você, jovens como você, mulheres que estão pela primeira vez na história da humanidade, não é na história do Brasil, as mulheres estão saindo de uma situação de subserviência, não é? E no Brasil o movimento antirracista ele é libertador da sociedade, por que? Porque os negros e pardos, as negras e pardas são a maior parte da sociedade brasileira, são a maior parte da classe trabalhadora, são a maior parte do povo. E na hora que você tem essa emancipação você tem uma emancipação da própria sociedade. Então nós estamos com o BrCidades tentando dar uma volta por cima desse movimento que nos engoliu, desse movimento que entregou a capilaridade o chão das nossas cidades pro crime organizado, pras milícias e para as religiões pentecostais conservadoras. Nós precisamos recuperar a informação, nós precisamos combater a mentira, mentira que hoje é tão disseminada e ilude tantas pessoas. Então eu tive essa crítica ao movimento de reforma urbana, é importante eu te falar porque a gente até abandonou o Fórum de Reforma Urbana e hoje nós estamos construindo uma ponte com o fórum de reforma urbana novamente.

Laysa Alves: Que bom! Espero que algum dia o Brasil possa desfrutar do que é reforma urbana né. E aí durante toda fala da senhora a senhora permeou sobre alguns atores, alguns caminhos, mas aí eu quero que a senhora fale de forma pontual esses atores e esses caminhos adequados para concretização da Reforma Urbana.

Ermínia Maricato: Antes eu queria só te falar então que a Reforma Urbana não é a única transformação, a maior ou a única transformação que nós devemos fazer, ela é muito pouco vista pelas forças progressistas e pela esquerda no Brasil, parece que tudo vai se resolver no planalto central, não vai, a democracia direta vai se resolver onde as pessoas moram ou trabalham ou estudam ou se reúnem, não é? Então nós temos sim que lutar para disseminar a ideia da Reforma Urbana, ao lado da Reforma Fundiária para os

trabalhadores do campo, ao lado da Reforma Trabalhista, Tributária, tudo isso, não é, a Renda Mínima, não é, bom e depois vamos falar ai nos agentes. Nos tivemos um autor o Eder Sader que escreveu na década de 70 um livro, que chama “Quando novos personagens entram em cena”, o Eder ele mostrava que durante a ditadura, inclusive no período que ela estava mais cruel, com tortura e morte, desaparecimento de pessoas, os movimentos sociais urbanos surgiram com uma força nova no Brasil e nesse período também, principalmente no final dos anos 70 os movimentos sindicais, nos tínhamos um operariado forte que era fruto dessa industrialização, eles assumiram a liderança da luta pela redemocratização do país e os movimentos urbanos estávamos juntos com os movimentos operários e a universidade, a classe artística, todo mundo lutando pelo fim da ditadura que chegou em 1985, quando o fim da ditadura chegou, nos já estávamos nas prefeituras fazendo projetos que fizeram muito sucesso no mundo viu Laysa, nos, eu fui consultora da África do Sul, na Índia, fui para muitos encontros internacionais e o Brasil despertava muito interesse com o Orçamento Participativo, com urbanização de favelas, que foi uma proposta que os arquitetos desenvolveram e que deu muita repercussão para o nosso trabalho e nos estávamos com esse bloco de atores, de personagens como diria o Eder Sader, hoje nós não temos mais esse sindicalismo, ele na verdade, esse sindicalismo ele nos liderava, um sindicalismo que gerou um presidente da república em um país tão desigual, é um fenômeno na história do Brasil, mas hoje ele não existe mais, não só pelo desemprego, como também pelos ataques ao movimento sindical que a Reforma Trabalhista de 2017 trouxe, então, nos tínhamos um sindicalismo fortíssimo, movimentos sociais urbanos fortes, igreja católica forte e movimentos nas universidades, movimento estudantil muito forte. É importante nos discutimos como é que nos vamos recuperar o protagonismo dos movimentos sociais urbanos sem isso, tudo dá a entender que nos vamos recuperar, a pandemia tá mostrando isso. Por exemplo, o MTST, em Recife, eu fiquei conhecendo o movimento que eles chamam de revolução solidária, das cozinhas coletivas para combater a fome, por exemplo. E isso começa com a conquista a moradia, nós estamos vivendo um momento no país muito crítico por conta do aumento dos aluguéis, então nós estamos recuperando os movimentos urbanos como os movimentos antirracistas, como o movimento de gênero, os movimentos de gênero, nós temos agora os cinco entidades de arquitetos presididas por mulheres, isso não é pouca coisa, então nós temos, uma juventude ligada à cultura e os movimentos culturais, o hip hop, o rap, tudo isso tem um potencial muito grande, então a Reforma Urbana agora ela tá num outro momento e ela precisa se reinventar, assim como os partidos e a reconstrução da democracia precisa se reinventar, o que nós queremos dizer é que ou ela passa pelas cidades ou ela também não acontece não é, a nossa esquerda precisa perceber isso, as forças democráticas além da esquerda precisam perceber isso.

Laysa Alves Concordo demais com o que a senhora falou, e aí eu queria perguntar a senhora se nos dias de hoje é possível a gente vencer todo esse atraso da reforma urbana, que a gente sabe que quando ela ia começar a acontecer no governo que a senhora tava, na época dos Ministério das Cidades, a senhora já notou que tava ficando defasado os movimentos e aí a senhora decidiu sair e ficar trabalhando só na FAU, na USP e universidades e enfim, a senhora acha que é possível vencer esse atraso da Reforma Urbana no Brasil?

Erminia Maricato: Olha, claro que é, porque hoje você tem 85% da população brasileira nas cidades, é verdade que as cidades brasileiras elas são muito diversas, como o povo brasileiro, extremamente, eu nem citei o genocídio indígena, por exemplo, o nosso povo é culturalmente muito diverso, Darci Ribeiro sempre chamou atenção e a Tania Barcelar chama atenção para diversidade do nosso meio ambiente que é tão tão tão importante, a diversidade da nossa cultura que é tão importante e a diversidade das nossas cidades também, né. Você tem cidades lá no noroeste do Rio Grande do Sul que nasceram a partir da distribuição de terra para imigrantes europeus e não tem nada a ver com o nordeste brasileiro, então a tradição escravista baseada no agronegócio, então são cidades muito diferentes, quando eu vou visitar eu fico muito impressionada com a ignorância nossa, das nossas universidades sobre a realidade brasileira. Imagina cidades na Amazônia agora com essa pandemia, a gente está vendo aí a dificuldade de um leito de UTI fora de Manaus, não existe, então olhando tudo isso, eu fico pensando que nós precisamos mergulhar na realidade brasileira e as universidades, Laysa, já estão fazendo isso, eu acho que esse encontro da universidade com um mergulho e um engajamento social e solução de problemas concretos, ela é revolucionária pro nosso país é revolucionário. Nós vivemos num país onde o Sergio Buarque de Holanda fala, né: uma intelectualidade livresca, muitos dos nossos intelectuais só leem livros, fazem um estágio professor visitante nos Estados Unidos, na Europa e nunca foram aqui para o fundo do Brasil, não conhece, então isso o Sérgio Buarque de Holanda já chamava atenção. O Roberto Schwarz criou a expressão “as ideias fora do lugar” muito baseado nisso, nós éramos liberais no ideário no século 19 e escravistas na vida material, então há um descompasso entre as ideias e o lugar não é, a realidade, então eu acho que vencer isso vai ser revolucionário. Quero dizer que a extensão a outra tarefa é a ATHIS - Assistência Técnica Habitação Interesse Social, isso vai dá mercado de trabalho pros arquitetos porque o Cau mesmo já fez levantamento, nos atendemos 15% da população brasileira como é que nós vamos trabalhar? Como é que nós vamos ser úteis? Além evidentemente dos projetos dos equipamentos públicos e sociais, como é que nós vamos ser úteis para a maior parte da população? É com assistência técnica, é ali presente na autoconstrução, nos mutirões, nos

projetos elaborados com participação da população, coisa que as nossas entidades de assistência técnica já fazem.

Laysa Alves: Vou me encaminhar agora para última pergunta, pra gente finalizar, que é: se a senhora tem alguma coisa a mais que gostaria de acrescentar, sobre a temática que a senhora ache importante pontuar?

Ermínia Maricato Então, nós temos que construir uma unidade nacional em torno da questão urbana, pra isso é que o Br Cidades nasceu, é uma rede que não tem CNPJ, não tem estatuto, não é centralizada, tem uma coordenação nacional, mas não é centralizada. Eu aprendi com os jovens essa coisa de rede horizontal. E as pessoas vão se organizando organicamente, quer dizer, a partir do interesse das pessoas nos formamos os grupos, que são nacionais ou regionais, não é. Porque nós não somos movimento de massas, nós somos um movimento que pensa, nós queremos junto com o CAU BR agora presidido pela Nadia Somekh elaborar vídeos, por isso que eu achei incrível quando você começou falar do que vocês estão fazendo, há muita identidade. Vídeos acessíveis à população, para explicar a questão do saneamento, do transporte, da salubridade, da segurança das construções, não é, os direitos legais que as pessoas tem, essas necessidade de informação, nós queremos promover cursos, elaboração de vídeos, lives, não é, onde a gente consiga disseminar todo esse conhecimento, que é o conhecimento é uma arma, é chata essa palavra né... o conhecimento é poder, melhor isso, conhecimento é poder, informação é poder, conhecimento técnico, conhecimento científico. E a rede ela cresce de uma forma impressionante, jamais a gente pensou que fosse acontecer isso. Eu, me aposentei, eu estava inclusive muito desencantada, não só com o Ministério das Cidades, mas com o movimento social e com a própria universidade, achei que eu ia me exilar e escrever um pouco e tal, mas aí entrei na frente do Brasil Popular, a convite da Frente para discutir um projeto para o Brasil, que eu acho que é estratégico agora e peguei a parte aí de Reforma Urbana, junto com a professora Karina Leitão, lançamos um manifesto nas redes sociais e o manifesto explodiu, estamos em 30 universidades, temos 17 núcleos em estados, temos parceria de entidades na área de direito, engenharia, assistência social, movimentos sociais, arquitetura e construindo aos poucos essas propostas. Queremos convidar vocês para se agregarem a nossa rede, que tem o compromisso evidentemente de uma reforma democrática nas cidades e sustentável, não vamos esquecer, não vamos esquecer da questão ambiental que o modernismo, o urbanismo modernista nunca considerou de forma significativa. Hoje uma outra crise que atravessa, além da crise global do capitalismo, é a crise planetária ambiental que nós temos que levar em consideração, agricultura urbana com alimento orgânico saudável e respeito ao meio ambiente.



Laysa Alves: E é isso, tô muito feliz com a entrevista que a senhora deu para gente, foi muito enriquecedora, tanto para mim, quanto com certeza para as pessoas que futuramente vão ter o privilégio de assistir a senhora.